

# Tese quer preservar única língua indígena da região

## Tribos do Nordeste brasileiro ainda usam o Yaathe para se comunicar

Bernardo Soares

Taciana Antunes

DA EQUIPE DO DIÁRIO

**D**ocumentar o Yaathe, a última língua nativa ainda praticada no Nordeste do país, é o objetivo social da tese de doutorado em Linguística defendida pela professora Januaceli da Costa. A língua é preservada até hoje entre os índios Fulni-ô, de Águas Belas, a 310 quilômetros do Recife. Com o trabalho, a professora quer garantir a preservação do Yaathe, além das fronteiras da aldeia. Aluna do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Januaceli foi aprovada com distinção, depois de cinco horas entre a apresentação e as discussões.

Apesar de já existirem outros livros sobre o assunto, o trabalho foi realizado sob um ponto de vista funcionalista. "O Yaathe foi estudado de acordo com o dia-a-dia da sociedade indígena. Os principais aspectos da língua foram registrados", diz. Professora da Universidade Federal de Alagoas e natural de Águas Belas, ela afirma que a proximidade com a comunidade Fulni-ô ajudou no trabalho.

**RELIGIÃO** - A descrição sócio-lingüística dos índios foi explorado antes no mestrado. Para levar adiante o trabalho, Januaceli contou com a ajuda de alguns índios. Entre as observações feitas pela pesquisadora está o fato de que a religião é um ponto forte para promover a preservação da língua nativa. "Os rituais dos índios Fulni-ô são uma tradição mantida até hoje. Sua prática é totalmente secreta", comenta ela. Segundo um levantamento realizado pela própria pesquisadora, existem 2.050 índios Fulni-ô na região de Águas Belas.



**Januaceli de Castro** tenta com a tese despertar para a importância de se preservar o Yaathe

## Mais de mil idiomas desapareceram

De acordo com Januaceli da Costa, em todo o País, já desapareceram cerca de 1.200 línguas nativas. Ela lembra que existe um dicionário da língua, escrito por um nativo, seu Aluizio, mas que ainda não foi publicado. A professora ainda não pensou na publicação da tese. "Devo publicar artigos isolados", diz a pesquisadora. O doutorado da professora durou cinco anos, um dos quais foi realizado como estágio na Universidade de Aix-En Provence, na França.

Nas visitas à aldeia, ela constatou que existe uma escola bilin-

güe, onde as crianças aprendem tanto a língua materna quanto a oficial do País, o português. "Todos os índios são bilíngües. Para o tratamento com pessoas de fora da aldeia, é usado o português. O Yaathe serve na comunicação entre os integrantes da comunidade e está solidamente preservado na comunidade", observa Januaceli. Ela acredita que, a curto prazo, não há perspectiva de desaparecimento da língua, pois a tradição dos Fulni-ô é bastante forte. Outro fator importante detectado foi o ciúme que os índios demonstram

em relação ao Yaathe. "Eles preferem manter as suas tradições secretas e, em certa medida, o mesmo acontece com a língua nativa. Acredito que não tive grandes dificuldades de aproximação e estudo por ser do município de Águas Belas", argumenta.

A tese foi aprovada por uma banca examinadora formada pela orientadora Adair Palácio; a professora francesa, Claire Blanche-Benveniste; o especialista em línguas indígenas Arion Rodrigues, além de dois professores da UFPE, Marlos Pessoa e Gilda Araújo.